

Ipea prevê para 90 pior recessão da História

MARIZA LOUVEN

A economia brasileira deverá amargar este ano a pior recessão de sua história, com uma queda de 4,7% do Produto Interno Bruto (PIB), pelas previsões não de críticos do Governo, mas de um importante órgão ligado ao Ministério da Economia, o Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea). Até agora, a maior retração tinha sido a de 3,4% registrada em 1981.

Entre os fatores que contribuirão para tal resultado, pelo estudo do Ipea, estão uma queda brutal da produção industrial (indústria de transformação e extrativa mineral), de 11,2%. A taxa de investimento também ficará em nível muito baixo, de 16,6% do PIB, inferior aos já insatisfatórios 17,6% do ano passado. E a taxa só não cairá mais em função das importações de bens de capital, previstas em decorrência da nova política industrial.

Segundo as projeções do Ipea, a retração do PIB seria decorrente de uma queda do produto industrial (que inclui, além da produção das indústrias de transformação e mineral, a da construção civil e os serviços industriais de utilidade pública) de 9,8%; diminuição de 1,2% no produto agropecuário; e queda de 1,9% no setor de serviços.

As previsões, contidas no "Boletim Conjuntural" do Ipea, apontam para uma queda significativa das vendas do comércio varejista em junho, depois do pico de consumo que foi verificado em maio. Entre os fatores determinantes da retração da demanda estariam as medidas de contenção do crédito adotadas pelo Governo em meados de maio, que tiveram impacto direto sobre as vendas de bens duráveis. Já a queda dos bens de consumo não duráveis, segundo o Ipea,

Variação do Produto Interno Bruto

De acordo com o Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea), o PIB deverá registrar queda recorde de 4,7% este ano. Ao mesmo tempo, a taxa de investimentos no País ficará em 16,6%, nível considerado baixíssimo.

ITEM	1988	1989	1990 *
PIB total	0,1%	3,4%	- 4,7%
Agropecuária	1,5%	2,0%	- 1,2%
Indústria	- 2,6%	3,6%	- 9,8%
Serviços	2,4%	3,7%	- 1,9%

* Estimativa

FONTE: IBGE — Elaboração: Ipea/Rio

é decorrência do achatamento da massa salarial.

A retração da demanda terá impacto sobre a produção industrial, mas o Ipea destaca que o nível de atividade poderá registrar algum crescimento em maio e junho, em relação a abril, em resultado do baixo nível de estoques das empresas. Um dos indicadores disso foi a redução do processo de demissões, neste período. As indústrias chegaram ao Plano Collor com grandes estoques, amargaram uma queda inicial das vendas mas logo depois puderam desovar seus estoques, em consequência da elevação da demanda.

Mesmo levando em conta a recuperação esperada para o segundo semestre, o Ipea acredita que a produção industrial terá uma queda de 11,2% até o fim do ano. Ainda recorrendo a uma previsão mais otimista para a produção industrial, a queda acumulada até dezembro seria de 8%. Neste caso, a retração do PIB seria de 3,7%.

Mas esta previsão mais otimista, de acordo com o Ipea, não é a hipótese provável. "Mantida a prioridade do combate à inflação, a política econômica do segundo semestre deverá caracterizar-se por um controle

apertado da demanda agregada", informa o Boletim. Ou seja, só poderá ocorrer um desempenho melhor da produção industrial se houver uma política cambial mais agressiva — que estimulasse as exportações — ou um aumento significativo do gasto público, a cargo dos Estados, em função das eleições.

Neste cenário recessivo, a taxa de investimento (que os economistas denominam de Formação Bruta de Capital Fixo — FBCF), chegaria ao fim do ano em 16,6% do PIB, principalmente em decorrência da brutal queda na produção de bens de capital (máquinas e equipamentos que são empregados para a fabricação de outras máquinas), que atingiria 19,5%. Para isso contribuiriam as dificuldades enfrentadas após o Plano Collor pela indústria de bens de capital.

Paradoxalmente, porém, haveria uma elevação de 8,2% na importação de bens de capital, como resultado do estímulo às importações decorrente das recentes medidas de liberalização comercial, contribuindo para que a taxa de investimento, a exemplo da evolução do PIB, não venha a ser a mais baixa da história econômica brasileira.

Indicadores da produção industrial no Brasil

A produção da indústria brasileira deverá encerrar 1990 com queda de 11,2%, o que representa o pior resultado dos últimos anos. O Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ipea) prevê que, no acumulado de julho de 1989 a junho deste ano, a produção industrial crescerá 0,3%. Já em setembro, o acumulado de 12 meses será negativo em 6,7%.

SETOR	DEZ/88	DEZ/89	JUN/90 *	SET/90 *	DEZ/90 *
Indústria geral	-3,2%	3,1%	0,3%	-6,7%	-11,2%
Extrativa mineral	0,4%	4,0%	8,3%	7,4%	6,4%
Ind. de transformação	-3,4%	3,1%	-0,1%	-7,3%	-12,0%
• Bens de capital	-2,1%	0,4%	0,4%	-11,0%	-19,5%
• Bens intermediários	-2,1%	2,7%	0,7%	-5,5%	-9,4%
• Bens de consumo	-3,5%	3,9%	-0,4%	-6,7%	-12,8%
• Duráveis	0,6%	2,4%	-3,8%	-12,4%	-17,0%
• Não-duráveis	-4,5%	4,3%	0,4%	-5,3%	-11,8%

* Estimativa

FONTE: IBGE — Elaboração: Ipea/Rio